



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA - UEPB  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
COORDENAÇÃO DE LETRAS**

**O AUTISMO NA PRÉ-ESCOLA: pontos e contrapontos**

**RENATA RIBEIRO DOS SANTOS**

**GUARABIRA – PB  
DEZEMBRO DE 2018**

**RENATA RIBEIRO DOS SANTOS**  
**O AUTISMO NA PRÉ-ESCOLA: Pontos e contrapontos.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),  
apresentado como Conclusão do Curso de  
Letras, da Universidade Estadual da  
Paraíba, Centro de Humanidades, Campus  
III - sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Ms. Mônica  
de Fátima Guedes de Oliveira.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237a Santos, Renata Ribeiro dos.  
O autismo na Pré-escola [manuscrito] : pontos e contrapontos / Renata Ribeiro dos Santos. - 2018.  
44 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2018.  
"Orientação : Prof. Me. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira , Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Autismo. 2. Escola. 3. Inclusão. I. Título  
21. ed. CDD 371.92

RENATA RIBEIRO DOS SANTOS

**O AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: pontos e  
contrapontos**

Aprovada em 05/ 12/2018

**BANCA EXAMINADORA**

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

**Profª. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira UEPB  
(Orientadora)**

Francisco José Dias da Silva

**Prof. Ms. Francisco José Dias da Silva – UEPB  
(Examinadora)**

Aline de Fátima da S. Araújo

**Profª. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo UEPB  
(Examinadora)**

**GUARABIRA – PB**

**2018**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho principalmente a Deus, pois ele foi à força suprema de toda minha caminhada, obrigada senhor por ter mim trago até aqui, pois é com a certeza de vitória que seguirei em frente.

Em memoria ao meu inesquecível professor JOSÉ OTÁVIO que na grandeza da existência, com as suas belas asas ensinou muitos a voarem, obrigada professor, por mi acolher e apoiar, em um momento tão especial de minha vida, espero que as tuas asas te levem a descansar em campos verdejantes.

A minha família em especial aos meus pais: Salete e Severino Ribeiro, a minha querida irmã, Sandra Rejane e ao meu esposo, pela paciência que exercitou neste período árduo, obrigada meu querido Marcelo Ewerton.

Em nome de Fábio Júnior e a todas as crianças que, por um direito negado ainda sofre por falta de inclusão educacional e social, afetando o seu desenvolvimento intelectual e qualidade de vida.

A Prof. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira UEPB  
O meu agradecimento pela colaboração e a boa vontade para comigo.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por alimenta a minha alma com bons pensamentos e força, em todos os momentos da minha vida, especialmente durante este curso, pois as dificuldades enfrentadas foram inúmeras e sem a ajuda do Senhor Deus não teria sido possível chegar ao final deste percurso .

A minha família pelo apoio que sempre me deram e em especial a minha irmã Sandra Rejane que sempre se dispôs a me ajudar e que sempre me incentivou a permanecer no curso. A Maria de Lourdes (D. Dinha) que sempre foi uma referência em minha vida. Por tudo que recebi deles aqui expresso “toda minha gratidão”. Ao meu esposo Marcelo Ewerton da Silva meus sinceros agradecimentos pelo apoio e dedicação.

Aos meus colegas de turma, e todos os meus professores que deram sua contribuição, em especial meu orientador José Otavio que acreditou na realização desse trabalho.

Agradeço a todos que farão parte da mesa da UEPB muito obrigada pelas orientações a este trabalho, A Prof.<sup>a</sup> Aline de Fatima e o Prof. José Francisco o meu emerso obrigado.

A minha inestimável orientadora e colaboradora aquele obrigada.

## **EPIGRAFE**

Incluir é necessário, primordialmente, para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para viver a vida em sua plenitude, com liberdade, sem preconceitos, sem barreiras. Não podemos contemporizar soluções, mesmo que o preço a pagar seja bem alto, pois nunca será comparável ao valor do resgate de uma vida escolar marginalizada, de uma evasão, de uma criança estigmatizada sem motivos. (MANTOAN, p. 36, 2006).

## **O AUTISMO NA PRÉ-ESCOLA: pontos e contrapontos**

### **RESUMO**

**LIMA, Renata Ribeiro dos Santos.**

O Transtorno do Espectro Autista por apresentar diversas dificuldades do desenvolvimento humano, necessita do trabalho comprometido de todos os profissionais envolvidos com a educação e principalmente da dedicação e empenho dos seus familiares. A História do Autismo apresenta grandes evoluções desde seu conceito até os dias atuais, as diversas formas que o mesmo pode manifestar-se em diferentes indivíduos, chegando até mesmo a ser confundido com outros transtornos. De acordo com Gómez e Terán (2014, p. 447) a respeito do termo Autismo, asseguram que,

O termo “Autismo” foi nomeado pelo psiquiatra Leo Kanner tendo como base a terminologia originalmente concebida por seu colega suíço Eugene Bleuler em 1911. Bleuler utilizou o termo “autismo” para descrever o afastamento do mundo exterior observado em adultos com esquizofrenia, que tendem a mergulhar em suas próprias fantasias e pensamentos.

Delineando a problematização do professor diante da dificuldade encontrada para inserir alunos autistas, em uma creche, situada na cidade de Cuítegi, surge a necessidade de um trabalho de inclusão, pesquisando a educação de crianças autistas, bem como seus problemas, buscando trazer fatos significativos da vida cotidiana de inclusão escolar.

Em 1948, Kanner escreveu em seu manual de psiquiatria infantil que a maioria das crianças que chegavam até ele com essas características tinha algumas coisas em comum, os pais ou avós, eram na maioria das vezes, médicos, escritores, jornalistas, cientistas e estudiosos que apresentavam uma inteligência acima da média e que também apresentavam certa obsessão no ambiente familiar (ORRÚ, 2007, p.19).

Palavras-Chave: **Autismo. Escola. Inclusão**



**O AUTISMO NA PRÉ-ESCOLA: pontos e contrapontos****LIMA. Renata Ribeiro dos santos****ABSTRACT**

This article proposes to discuss the difficulties in the autistic student learning process and some suggestions so that the best teacher can work with this special child. It was assumed that the educator knows little about autism and the impact of this anomaly on the learning process. In the Cruzeiro Municipal Nursery with pre-school children developing a work of inclusion, as was the evolution and development of the education of children with disabilities, as well as their problems and their assistance, seeking to bring significant facts of the daily life of Children with disabilities. Reflect on the main issues that influence the Declaration of Salamanca influenced the development of Inclusive Education as well as the process of accessibility of the disabled person, seeking to work in an inclusive way to achieve quality education and for all.

**Keywords:** Autism. School. Child

## SÚMARIO

1. INTRODUÇÃO.....	
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGIA.....	
2.1 REVISÕES DE LITERATURA.....	
2.2 METODOLOGIAS DA PESQUISA.....	
3 EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR.....	
3.1 PRÉ-ESCOLAR MUNICIPAL CRECHE DO CRUZEIRO.....	
3.2 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	
3.3 IDENTIFICAÇÕES DA INSTITUIÇÃO E ATIVIDADES.....	
3.4 ATIVIDADES: EIXO DE TRABALHO/ CAMPO DE EXPERIÊNCIA .....	
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
5. REFERÊNCIAS .....	
6. APÊNDICE.....	
7. ANEXOS.....	

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem objetivo de criar discursões e movimento necessário para a inclusão do aluno com transtorno do espectro autista (TEA) na sala de aula, discutindo à inclusão, Isto nos leva a fazer uma retrospectiva do antes e do hoje, destacando quais foram os pontos mais relevantes para os aprendizes com autismo, em particular, bem como foi expresso o movimento da inclusão na escola, mostrando o surgimento da diversidade desses alunos nas salas de aula comum. Ciente das dificuldades que o aluno com TEA apresenta.

Atualmente, sabe-se que o retardo mental não é uma característica da síndrome autista. Entretanto, uma grande porcentagem de pessoas com autismo pode apresentar retardo mental como característica associada. Muitas vezes, por desconhecimento ou falta de “olho clínico”, ocorre uma confusão entre retardo mental e autismo (GOMÉZ; TERÁN, 2014, p. 450);

Demonstrando assim, como se desenvolveu uma criança na pré-escola, Durante o ano 2016 na Creche do Cruzeiro, na Rua presidente Juscelino Kubistchek Cuítegi – PB lecionei na sala maternal II com Crianças de 3 a 4 anos de idade. Com TEA. Iremos falar também sobre a evolução da educação de alunos autista, e com deficiência cognitiva, desenvolvendo ações de qualidade para os indivíduos com necessidades educacionais. O artigo teve como base de pesquisa um estudo bibliográfico da Declaração de Salamanca e de autores que defendem e pesquisam sobre as leis e pedagogia inclusiva que desenvolva as cognições e a permanência da pessoa com deficiência em todos os níveis.

Objetivou-se, Investigar, explorando a realidade escolar no processo inclusivo nas circunstâncias do autismo, em uma creche da rede pública, onde se estudou como ocorre a inclusão dos alunos autistas, identificando e trabalhando as principais dificuldades, apresentadas para a inclusão destes aprendizes, considerando-se a importância da relação família x escola como fator imprescindível para o desenvolvimento e a inclusão destes aprendizes com TEA.

Ciente do Decreto nº 6.094/2007 que regulamenta e delimita o trabalho do professor em prol da inclusão e do desenvolvimento da criança, a realidade institucional, emocional, e a expressa pelo aprendiz com autismo, pode apresentar uma realidade distante daquelas que as leis determinam para promover a educação do aluno com autismo. Portanto, faz-se necessário averiguar se os professores estão aptos incluir tal demanda e educá-las adequadamente. De acordo com Paulon, Freitas, e Pinho (2005, p.9):

É nessa situação de impasse que se encontra a criança autista: presa a mundo de isolamento e objetos, que não se enquadra nem no mundo do Outro, nem no seu próprio mundo. Sua noção de temporalidade é comprometida e, enquanto estiver autocentrada, não será capaz de alcançar níveis maiores de relacionamento afetivo ou de cognição, tornando-se alheia e desinteressada pelo mundo à sua volta. É preciso trabalhar a noção da criança autista consigo mesma; seu corpo com o corpo do outro e com o “corpo” (espaço físico) da escola. É preciso compreender seu desejo para um melhor enquadramento no ambiente educacional e, conseqüentemente social. Tratar e acolher o autista são um constante construir e reconstruir o sujeito pela presença efetiva e eficaz referenciada no Outro. É preciso vencer a barreira do sujeito-objeto possibilitando seu contato com o Outro (em quem estas crianças já não investem mais emocionalmente), o que só imaginário e da aquisição e ampliação da linguagem.

Nesta perspectiva houve a necessidade de elaborar um projeto que incluísse os alunos com necessidades educacionais especiais em atividade lúdicas, por meio das quais eles se divertiram, aprenderam, e ampliaram seus repertórios musicais ou mesmo seus conhecimentos e valorizando a cultura local. Além de construírem conhecimentos que levaram as crianças a compreenderem os valores culturais dentro das brincadeiras populares e a valorizar o conhecimento dos mesmos com relação às brincadeiras do passado e do presente produzindo leituras e produção de textos verbais e não verbais como: poemas cantigas de roda, quadrilhas... Além de oportunizar atividades de desenhos a partir do tema brincadeiras populares e envolver as crianças na ornamentação da sala.

Por fim, pode-se ressaltar a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990: Art. 2º São diretrizes da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista: III - a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos e nutrientes; V - o estímulo à inserção da pessoa com transtorno do espectro autista no mercado de trabalho, observadas as peculiaridades da deficiência e as disposições da Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); Art. 3º- São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista: III- o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo: a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo; b) o atendimento multiprofissional; Parágrafo único.

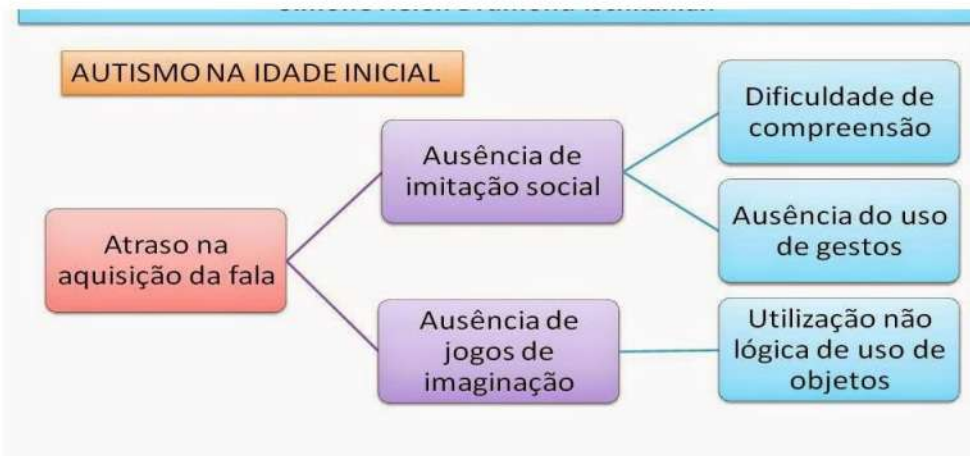
Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 20, terá direito a acompanhante especializado. Percebe-se que a legislação favorece a inclusão desses alunos, dando a eles direito ao ensino. Além disso, o cumprimento

dessas leis oferece um ensino adaptado à necessidade e o movimento pela inclusão escolar, é um assunto debatido em todo o mundo e, nas últimas décadas, esta discussão cresceu consideravelmente no Brasil. Como consequência, tem originado a elaboração de políticas públicas educacionais para a inclusão de alunos com necessidades especiais (NES). A inclusão desses alunos nas escolas é uma proposta que teve o início, no Brasil, marcado pela sua participação na Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jontiem, Tailândia, no Fórum Mundial da Educação, em Dacar, Senegal, principalmente, com a Declaração de Salamanca, em 1994, quando os princípios da educação inclusiva ficaram mais claros (MEC/SEESP, 2008). A inclusão escolar cresce a cada ano e, junto, o desafio de garantir uma educação de qualidade para todos. Na escola inclusiva os alunos aprendem a conviver com a diferença e se tornam cidadãos solidários.

Segundo Serrão e Baleeiro (1999), a cidadania se constrói pelo reconhecimento e respeito às diferenças individuais, pelo combate ao preconceito, ampliação de consciência em relação aos direitos e deveres e na confiança no potencial de transformação de cada um.

Para Veigas (2003), a instituição escolar deve desenvolver, a partir da legislação vigente, propostas e níveis de acessibilidade capazes de viabilizar a prática de uma educação inclusiva, partindo de níveis diferentes: currículo, gestão e metodologias. Construir uma escola inclusiva significa assumir um compromisso e se rever concepções e paradigmas em torno da educação, respeitando e valorizando a diversidade de cada um.

## AUTISMO E EDUCAÇÃO



### 2. AUTISMO:

As práticas educativas vêm sendo aprimoradas a cada dia, para que se possa acompanhar o desenvolvimento do aluno envolvido no processo de ensino e aprendizagem. Os fatores que influenciam nas mudanças das práticas já existentes são fatores sociais, culturais econômicos entre outros. Porém, os que mais são observados são os fatores socioculturais, pois é a partir da vivência dos alunos e do seu contexto social que poderemos elaborar atividades pedagógicas que venham ao encontro das necessidades e particularidades dos nossos alunos.

As mudanças e as adaptações das práticas educativas existentes são fundamentais para um bom desenvolvimento do trabalho, pois conhecer e tentar entender o mundo no qual o aluno está inserido é o primeiro passo a ser desenvolvido. Proporcionar atividades interessantes que cativem a curiosidade do aluno é essencial. Portanto, são atividades concretas e bem fundamentadas que poderão guiar o professor a desenvolver as capacidades de seus alunos, a partir de uma nova perspectiva em relação ao aluno e a suas diferenças. Isso também fará com que ele venha a ter um melhor desenvolvimento, respeitando sempre suas características e especificidades e o seu tempo de aprendizado. Com isso, podemos perceber a importância da ressignificação das práticas educativas para inclusão de todos. O professor deve manter-se em constante atualização para que possa acolher as diversas realidades que chegam à escola, podendo assim adaptar atividades e avaliações de acordo com as especificidades dos alunos.

Que seja desenvolvido um novo olhar e uma nova postura para responder as necessidades do trabalho com a Educação Inclusiva em sala de aula. O papel da escola é

muito importante na investigação diagnóstica, uma vez que é o primeiro lugar de interação social da criança separada de seus familiares. É onde a criança vai ter maior dificuldade em se adaptar às regras sociais, o que é muito difícil para um autista e isso leva a nos professores leigo a completo desespero dando a dimensão do tanto que cabe a escola evoluir.

- **Os direitos legais do portador de necessidades especiais;**

De acordo com a proposta da declaração de Salamanca, documento que foi elaborado em Jontiem, após uma serie de discussões sobre a educação:

O direito de todas as crianças à educação está proclamado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e foi reafirmado com veemência pela Declaração sobre Educação para Todos. Pensando desta maneira é que este documento começa a nortear Todas as pessoas com deficiência têm o direito de expressar os seus desejos em relação à sua educação. Os pais têm o direito inerente de ser consultados sobre a forma de educação que melhor se adapte às necessidades, circunstâncias e aspirações dos seus filhos. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA p. 5 – 6 1994).

Atualmente, a questão da inclusão das pessoas com deficiências ou necessidades educativas especiais tem sido amplamente discutida no contexto social e educacional, em que surgem mecanismos para regulamentação do processo de inclusão que garantem a igualdade de direitos destas pessoas. Declaração de Salamanca (Brasil, 1994) ,

Que tem como princípio, nortear a integração desse segmento estudantil ao ensino regular.

A convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), busca defender e garantir condições de vida com dignidade a todas as pessoas que apresentam alguma deficiência.

A inclusão deve ser instituída como uma forma de inserção completa e sistemática, em que as escolas devem se propor a adequar seus sistemas educacionais às necessidades especiais de todos os alunos, não se restringindo somente aos alunos com deficiências. Princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, usam de recurso e

parceria com as comunidades (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

O que significa que os alunos devem apropriar-se tanto dos conhecimentos disponíveis no mundo quanto das formas e das possibilidades de novas produções para uma inserção criativa no mundo.

A educação Inclusiva assume que as diferenças humanas são normais e que a aprendizagem deve ser adaptada às necessidades da criança, ao invés de se adaptar a criança às “necessidades” do processo de aprendizagem.

Para uma escola inclusiva A escola deve...

- Ser aceitante
- Integradora
- Incluir todas as crianças
- Envolver em todo processo educativo as famílias
- Encaminhar e orientar as famílias e pais perante as deficiências e/ou dificuldades
- Conter um corpo docente formado e com perfil para a diversidade e para a realidade educativa onde a mesma se insere.

Além de... Proporcionar um ambiente de aprendizagens múltiplas, de valores e respeito. Há, entretanto, necessidades que interferem de maneira significativa no processo de aprendizagem e que exigem uma atitude educativa específica da escola como, por exemplo, a utilização de recursos e apoio especializados para garantir a aprendizagem de todos os alunos.

## **O profissional e a inclusão**

Devido à grande carência de qualificação profissional para o diagnóstico e atendimento à criança autista, a escola padece ao receber este aluno.

Hoje ser professor numa escola de massas, significa, procurar atualizar-se permanentemente partilhando as experiências e reflexões com colegas, frequentando obrigatoriamente ações de formação contínua, cursos de formação especializada e participando de encontros pedagógicos.



Deve estar receptivo ao microsistema escolar em que se encontra, adaptando-se de forma flexível e dinâmica.

É preciso repensar a formação de professores especializados, a fim de que estes sejam capazes de trabalhar em diferentes situações e possam assumir um papel - chave nos programas de necessidades educativas especiais. Deve ser adoptada uma formação inicial não categorizada, abrangendo todos os tipos de deficiência, antes de se enveredar por uma formação especializada numa ou em mais áreas relativas a deficiências específicas. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA p. 28).

A inclusão que a Lei de Diretrizes e Bases (30) estabelece, com garantia de escolas regulares adequadas, com professores capacitados, adaptações curriculares, serviços de apoio especializado, classes especiais em carácter transitório, ainda não existe. Para que de fato ocorra, ainda precisam ser feitas adaptações estruturais e curriculares, além de apoio adequado para os professores e famílias e conscientização de toda a população.

Os professores devem... Em equipe: Desenvolver uma avaliação global culminando em relatório que deve ser assinado por toda equipe responsável os pais devem consentir/aprovar/ter conhecimento baseado na lei traçar um PEI (plano educativo individual) avaliar e intervir., Avaliar e intervir...

É utilizado no Brasil um método de ensino com o objetivo de atender as necessidades do autista utilizando as melhores abordagens e métodos disponíveis, é o método TEACCH. Este é um grande aliado do educador que busca eficiência e eficácia no processo de aprendizagem de seu aluno autista, pois trabalha com o autista e toda a sociedade que o envolve.

*"No Brasil é muito utilizado o método de ensino TEACCH, que foi desenvolvido no início de 1970 pelo Dr. Eric Schopler e colaboradores, na Universidade da Carolina do Norte." (Santos, 2008, p.31).*

Faz necessário que o educador tenha demasiada paciência e compreensão para com o aluno autista para que ele consiga aprender, pois ela pode apresentar um olhar distante e não atender ao chamado e até mesmo demorar muito para aprender determinada lição. Mas nada disso acontece porque a criança é desinteressada e sim porque o autismo compromete e retarda o processo de aprendizagem, ela precisa de muito elogio, motivação e carinho para desenvolver sua inteligência.

É importante salientar, que a escola inclusiva tem subjacente, um conjunto de princípios: todos os alunos devem ter oportunidades iguais de acesso a serviços de qualidade que lhes permitam alcançar sucesso.

Todos os alunos devem ter acesso a serviços de apoio especializados, quando eles necessitem, que se traduzam em práticas educativas ajustadas às suas capacidades e necessidades.

Para que a escola inclusiva atinja a sua plenitude, ter-se-á de recorrer muitas das vezes a um conjunto de serviços de apoio especializados (Serviços de Educação Especial) para promover aprendizagens com fim de tornar os alunos autossuficientes até ao limite das suas capacidades.

Estes serviços devem, sempre que possível, ocorrer na turma regular e devem levar em conta não só o aluno, mas também a modificação dos seus ambientes de aprendizagem.

As famílias como principais educadores e interessados pelo desenvolvimento global e harmonioso das suas crianças devem responsabilizar-se, estar atento, atualizar-se saber questionar-se sobre as práticas desenvolvidas, procurar a melhor educação e inclusão para os seus filhos, no fundo ser interventivas, dinâmicas e presentes.

É importante que pais e famílias conheçam as escolas e faça parte integrante de todo este processo. Em parceria, num processo colaborativo e empático, professores, técnicos e alunos, sentirão o fluir da aprendizagem e a essência do que é educar e ser educado, como um percurso global e flexível.

A integração de alunos com necessidades educacionais especiais e com autismo nas salas de ensino regular originou muitas mudanças e resistência por parte dos profissionais que vão trabalhar com esses alunos, como dos próprios pais dos alunos com NEES, que acreditam muitas vezes que seus filhos não conseguem frequentar o mesmo ambiente que os alunos ditos ``normais``.

A inclusão tem como característica principal a mudança, a transformação, a quebra de qualquer preconceito ideia formada, crença, a respeito do ensino regular.

Ao trabalhar com alunos que tem necessidades educativas especiais cria-se uma relação estreita com a família principalmente no que se refere ao espectro do autismo, já que a interação entre pais e professores é de extrema importância para o progresso e desenvolvimento pedagógico e social da criança.

A escola e a família precisam ser trabalhadas em sintonia nas ações e nas intervenções do processo de aprendizagem, principalmente pelo suporte na educação comportamental.

O professor é quem tem maior contato com o aluno, é o responsável pela sala de aula, o mensageiro do conteúdo escolar. É quem observa a relação dos alunos entre si e faz a intermediação dessas relações. É também a quem a família confia seu filho, enquanto não estão presentes. Enfim, o professor tem muitas responsabilidades e, na maioria das vezes, pouco apoio, tanto de outros profissionais, quanto da direção e da coordenação da escola.

As modificações dependem dos profissionais de educação, sejam do ensino regular ou do ensino especial, alterando e reajustando conscienciosamente as suas práticas e intervenções, enquanto titulares de turma, ou simplesmente como profissionais que se envolvem e participam no processo do desenvolvimento da comunidade educativa, como e com todos os seus intervenientes, alunos, pais, famílias, técnicos e auxiliares.

- **Definição do autismo e sintomas**

*"AUTISMO, s. m. (med.) Estado mental patológico, em que individuo tende a encerrar-se em si mesmo alheando-se ao mundo exterior." (FERNANDES, 1965, p.143).*

O Autismo é um Transtorno Global do Desenvolvimento (também chamado de Transtorno do Espectro Autista), caracterizado por alterações significativas na comunicação, na interação social e no comportamento.

Essas alterações levam a importantes dificuldades adaptativas e aparecem antes dos 03 anos de idade, podendo ser percebidas, em alguns casos, já nos primeiros meses de vida. As causas ainda não estão claramente identificadas, porém já se sabe que o autismo é mais comum em crianças do sexo masculino e permanece ao longo da vida.

Autismo deriva do grego: autos, que significa em si mesmo, a palavra autismo foi usada pela primeira vez em 1943 pelo Dr. Leo Kanner, psiquiatra infantil americano que notou em sua atuação profissional um grupo de crianças que se destacava das demais por duas características básicas: forte resistência a mudanças e incapacidade de se relacionar com pessoas, sempre voltadas para si.

Os sintomas da Síndrome de Asperge podem variar de pessoa para pessoa, e variam também de intensidade e gravidade. Os sinais mais comuns incluem:

- Problemas com habilidades sociais
- Geralmente têm dificuldade para interagir com outras pessoas e muitas vezes comportam-se de forma estranha em situações sociais. Portadores desse distúrbio geralmente não fazem amigos facilmente, pois têm dificuldade para iniciar e manter uma conversa.
- Comportamentos excêntricos ou repetitivos
- Crianças com essa condição podem desenvolver um tipo de comportamento anormal, que envolve movimentos repetitivos e estranhos, como torcer mão ou os dedos.
- Práticas e rituais incomuns;
- Uma criança com Síndrome de Asperger pode desenvolver rituais que ele ou ela se recuse terminantemente a alterar, como se vestir obrigatoriamente em uma ordem específica, por exemplo.

- As pessoas com este transtorno costumam não fazer contato visual ao falar com alguém. Elas podem ter problemas ao usar expressões faciais e ao gesticular, bem como podem apresentar dificuldade para compreender a linguagem corporal e a linguagem dentro de um determinado contexto e costumam ser muito literais no uso da língua.

- Poucos interesses.

A Segundo SCHWARSTZMAN, J.S. e colaboradores (1995) o fato das crianças esfregarem a mão e a língua na parede, dificuldades de notar um alimento sólido e irem de encontro uma porta ou parede relaciona-se aos distúrbios de percepção.

Estudos de Goodman & Scott (1997) apontam que um terço dos autistas com retardo mental sofre crises convulsivas, que começam a se manifestar dos 11 aos 14 anos. A hiperatividade é muito frequente, mas pode desaparecer na adolescência e ser substituída pela inércia. A irritabilidade também é habitual e comumente é desencadeada pela dificuldade de expressão ou pela interferência nos rituais e rotinas próprias do indivíduo. O autista também pode desenvolver medos intensos que desenvolvem fobias.

Caracteriza também a pessoa autista alterações nos doze sentidos, sendo eles: térmico, tátil, orgânico (capacidade de sentir e defender a vida), equilíbrio, sinestésico (conjunto de movimento do corpo, como um todo), audição, linguagem, "Eu" - (somos únicos e exclusivos), pensamento, visão, paladar e olfato; de acordo ELIANA R. BORALLI (2007) psicomotricista e coordenadora da Auma - Associação dos Amigos da Criança Autista.

A professora ao perceber um desses sintomas em uma criança deve procurar se inteirar em como trabalhar e desenvolver atividades com essa criança. A educação do autista devido à falta de informação mais específica, juntamente com a própria rigidez do currículo que não respeita as singularidades e as diferentes formas de aprender de cada um, acaba por causar um grande prejuízo ao autista que não consegue atingir a autonomia.

*"É importante à continuidade do ensino para uma criança autista, para que se torne menos dependente, mesmo que isto envolva várias tentativas, e ela não consiga aprender. É preciso atender prontamente toda vez que a criança autista solicitar e tentar o diálogo, a interação, Quando ocorrer de chamar uma criança autista e ela não atender, é necessário ir até ela, pegar sua mão e levá-la para fazer o que foi solicitado. Toda vez que a criança conseguir realizar uma tarefa, ou falar uma palavra, ou enfim, mostrar progresso, é prudente reforçar com elogios. Quando se deseja que a criança olhe para o professor, segura-se delicadamente o rosto dela, direcionando-o para o rosto do professor. Pode-se falar com a criança, mesmo que seu olhar esteja distante, tendo como meta um desenvolvimento de uma relação baseada em controle, segurança, confiança e amor." (Santos, 2008, p.31 e 32)*

A escola estabelece os padrões de normalidade e aceitação social, porém, a própria formação dos docentes não permite que suas teorias de ensino-aprendizagem sejam de acordo com a realidade, ou não preparam o professor para as dificuldades do cotidiano escolar, além de diversas situações de estresse provocadas pelo sistema, que fazem com que o autista seja excluído mesmo estando inserido dentro da escola regular.

Geralmente, as crianças com QI superior a 70 são admitidas em escolas regulares, mas não se devem descartar as com QI inferior a média, torna-se importante para a integração da criança a capacidade de linguagem expressiva, geralmente ela não é boa, mas a criança tende a acostumar com o contato.

*"O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno." (Santos, 2008, p. 30).*

O importante na educação de autistas não é o que o aluno faz, mas o que ela não faz, desenvolvendo assim o comportamento que esta faltando.

Estabeleça uma meta, faça um plano, Trabalhe, Cumpra as tarefas, objetivo alcançado.

Segundo Enrique Pichon Riviere (2004), é indispensável para o professor a orientação de especialistas com nível de informação. Professores não apoiado geralmente sofrem com a frustração, ansiedade e impotência. Sem a família em estreita colaboração com o professor nenhum êxito poderá ser alcançado quanto às tarefas educacionais e terapêuticas das crianças autistas.

As crianças com DEA ou ASD (em inglês) apresentam dificuldades em aprender à utilizar corretamente as palavras, mas, se as aulas forem planejadas com um programa intenso, haverá mudanças significativas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e aprendizagem; com certeza é um trabalho árduo que requer dos educadores e das famílias muita dedicação.

Na atual sociedade o professor tem um papel afetivo muito significativo na vida dos educandos, cabendo a ele a interligação do aprendizado educacional e cognitivo, para que a criança possa confiar no professor.

Este trabalho busca relacionar os dados coletados na sala de aula, de criança com Transtornos Invasivos do Desenvolvimento que está frequentando a, CRECHE MUNICIPAL DO CRUZEIRO, e fazer a interlocução possível entre o tratamento (FUNAD) e a escolarização.

“SCHWARTZMAN e ASSUMPÇÃO (1995) destacam que o professor deve oferecer uma previsibilidade de acontecimentos, que permite situar a criança no espaço e no tempo, na qual a organização de todo o contexto se torna uma

referência para a sua segurança interna, diminuindo assim os níveis de angústia, ansiedade, frustração e distúrbios de comportamento. O professor também se beneficia dessa rotina à medida que consegue operacionalizar os objetivos do seu plano de ensino de maneira mais dinâmica e organizada. A rotina deve ser compreendida como planejamento e organização, e não uma restrição à criatividade do professor permitindo a ele a possibilidade de maior visualização sobre todo o seu trabalho. ’

Cada criança é uma criança. A frase pode parecer simples, mas é vital para entender o autismo. Se o seu filho receber o diagnóstico, não necessariamente vai apresentar todos os sintomas já descritos por outros pacientes. Por ser um distúrbio com diferentes níveis de comprometimento, recebe o nome de “espectro autista” – para entender melhor, imagine um dégradé, que vai de cores muito escuras, em que se encontram os casos mais graves, até os tons mais claros.

Apesar dos sinais do transtorno variarem, há três comprometimentos que são considerados mais comuns. O primeiro é na **interação social**, ou seja, no modo de se relacionar com outras crianças, adultos ou com o meio ambiente. “Uma das teorias que explica esse comportamento afirma que o autista tem dificuldade de entender o outro e de se colocar no lugar de alguém. Não compreende sentimentos e vontades, por isso se isola”, afirma Daniel Sousa Filho, psiquiatra da infância e da adolescência (SP).

O segundo sintoma recorrente é a **dificuldade na comunicação**: há crianças que não desenvolvem a fala e outras que têm ecolalia (fala repetitiva). Como terceiro sinal, há a questão **comportamental**: as ações podem ser estereotipadas, repetitivas. Qualquer mudança na rotina passa a ser incômoda para a criança. Imagine que a mãe sempre vá buscar o filho na escola. Certo dia, é o avô quem vai pegá-la no colégio – e altera a rota de sempre. Pode ser que ela, diante dessa mudança, fique agitada e grite, por exemplo. Isso acontece porque a rotina é um “mapa” usado pelo autista para reconhecer o mundo. Se algum traço desse caminho for alterado, a criança vai reagir.

## **É preciso capacitar**

, posto que a escola atual não é feita para todos. Para Maria Teresa Mantoan, professora da [Universidade de Campinas \(Unicamp\)](#) especialista em [inclusão](#), o cenário educacional brasileiro atual tem como mote principal o acesso, permanência e sucesso de toda criança na escola regular. A educadora afirma que a situação se concretiza como desafio.

“Pois qualificar uma escola para receber todas as crianças implica medidas de outra natureza, que visam reestruturar o ensino e suas práticas usuais e excludentes. Na inclusão, não é a criança que se adapta à escola, mas a escola que para recebê-la deve se transformar”, aponta.

Como muitas vezes as equipes gestoras não estão preparadas para desenvolver um plano pedagógico com as crianças autistas, é comum que elas sejam acompanhadas por um orientador terapêutico o que, na visão da coordenadora da [ONG Autismo e Realidade](#), Joana Portolese, é um erro. “Não se deve promover a substituição. Quando se entende que um profissional desse é necessário na escola, o trabalho deve ser complementar, sem que isso diminua a responsabilidade do professor”, avalia. Para Joana, não há ganhado ao individualizar a criança autista porque nem se considera como ela se desenvolve diante de um grupo.

No caso do autista, o que está em jogo são as habilidades. “É nelas que se deve investir” para, assim, desenvolver as inabilidades, afirma Joana Porto lese. Reafirma a necessidade de não se esperar um comportamento dado, ao que a maioria dos indivíduos do espectro autista não corresponde.

## **Quando a inclusão acontece**

Para uma inclusão eficiente, é fundamental a atuação do professor e o preparo dele como mediador e o papel da escola como o espaço propício para isso. São diversos os aspectos que necessitam ser melhorados para que a educação de alunos com DEA se torne mais efetiva.



Um desses aspectos envolve uma rede específica de apoio aos professores, a presença de monitores ou professores, adaptações curriculares e medidas para facilitar a comunicação e o trabalho entre os profissionais envolvidos.

No Brasil, algumas leis existem, mas ainda não estão totalmente implementadas e a inclusão escolar brasileira segue a cultura norte-americana. Alguns acreditam que o fato de seguir o modelo de outros países pode ampliar o acesso à escola para crianças e jovens com necessidades educacionais especiais, podendo com isso, avançar na educação especial e na educação geral do país.

. As políticas públicas para a inclusão devem ser concretizadas na forma de programas de capacitação e acompanhamento contínuo, que orientem o trabalho do docente, na perspectiva da diminuição gradativa da exclusão escolar.

Os professores, com a prática, aprendem a lidar com o aluno com deficiência, porém, não contam com conhecimento teórico que apoie essa prática.

Professores de educação infantil que têm contato direto com o processo de inclusão, ressaltam que as principais dificuldades são com o espaço físico, recursos A perspectiva dos professores sobre autismo Audiol Commun Res. 2014;19(2):171-8 173 materiais e humanos e relativos a sua própria formação.

Na visão dos professores, a inclusão deveria ser realizada em turmas menores, pois, dessa forma, seria possível dedicar mais atenção aos alunos. Existe um despreparo para lidar com alunos com DEA, bem como para educá-los e ensiná-los. Tais despreparam, aparentemente, é causado pela formação profissional insuficiente nas áreas especiais e pela falta de informação sobre DEA e suas manifestações.

Faz-se necessária uma reforma aprofundada nos cursos de formação, para que as pessoas por eles formadas possam, elas próprias, tornarem-se agentes de mudança na escola. O processo de inclusão demanda, além de informações técnicas, um espaço de cuidado emocional a esses profissionais. O objetivo deste estudo foi identificar e descrever as perspectivas de professores de escolas regulares e/ou especiais, que têm crianças e adolescentes com DEA em suas salas de aula, a respeito das características, das dificuldades comportamentais, sociais e comunicativas de seus alunos.

- CRECHEA LTO DO CRUZEIRO: LÓCUS DA PESQUISA
- TUDO SOBRE A CRECHE: HISTÓRICO, CLIENTELA, COMO ESTÁ ORGANIZADA...

**QUADRO 01- DEMONSTRATIVO DO CORPO ADMINISTRATIVO  
DA ESCOLA:**

DIRETOR	<b>D. ZEZA</b>	01
SECRETARIA	<b>SOCORRO = JOSEFA</b>	02
PROFESSORAS	<b>RENATA RBEIRO SANDRA REJANE SALETE DAVI</b>	03
AUXILIARES	<b>D. GRAÇA=RAQUEL=FABRICIA</b>	03
PORTEIRO	<b>JEFFERSON</b>	01

### 3.1. PROCEDIMENTOS, METODOLÓGICOS

“A metodologia utilizada foi um ensino que respeite a capacidade de cada aluno, onde foi proposto atividades diversificadas para todos considerando o conhecimento que cada aluno traz para a escola”, Foi utilizada como metodologia, quanto aos meios o estudo bibliográfico inicialmente, uma pesquisa de campo para a constatação e confrontação dos dados obtidos. E quanto aos fins, a pesquisa de caráter descritivo, com abordagem qualitativa. Sendo a pesquisa realizada através do estudo de campo, na qual teve o questionário como instrumento, avaliações, com psicopedagogo, psicólogos, psiquiatra, fonoaudiólogo e toda a equipe de triagem da FUNAD. A Creche Municipal de Cuítegi, onde alunos com TEA. Sentimos uma necessidade de inclui-los no sistema ensino-aprendizagem, admito que não é fácil mas o aprendizado é o que vale.

### 3.2. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

A escola regular, de um modo em geral, não foi, e nem é planeja para acolher a diversidade mais, para atingir os objetivos educativos daqueles que são considerados dentro dos padrões de formalidade (IMBERNÓN,200).

Assim, vem se agregando o excluído, de varias formas, os que fogem destes padrões por requererem em seu processo de aprendizagem respostas especificam ou diferentes das que são habitualmente dadas às medidas dos alunos.

O TEACCH (Treatment and Education of Autistic and related Communication hadicapped Children) – Tratamento e Educação para Autistas de Crianças com Déficit relacionados à comunicação surgiu em 1966, como uma prática psicopedagógica, a partir de um projeto de pesquisa desenvolvido na Escola de Medicina da Universidade da Carolina do Norte, pelo Dr. Eric Schopler que questionava a prática clínica de sua época – a mesma que concebia a origem do autismo segundo uma causa emocional, devendo ser tratado pela concepção da psicanálise (ORRÚ, 2007, p. 60).

JOSÉ SALOMÃO SCHWARTZMAN, (2007) mais de 70% dos casos não são diagnosticados. “Vejo muitos quadros claros, de autismo clássico, com diagnóstico equivocado. Os pediatras não sabem diagnosticar.” É um problema que afeta até os médicos de primeira linha. (Revista Época 11 de junho de 2007).

. Aproximadamente noventa por cento. “não” responde qualquer coisa. Como é seu nome? Do que você quer brincar? Não sentava pra nada, se mordida, puxava os cabelo, ele ficava rindo, olhando para o nada, rodando, as birras manhosas acompanhadas de choros sem motivo ou lágrimas. Às vezes tudo acontecia ao mesmo tempo, o que mim deixava insegura e leiga diante das atitudes. Para o referencial teórico do estudo contou-se com a contribuição de Cuítegi – PB. Lecionei na sala maternal II Crianças de 3 a 4 anos de idade. Um pouco antes de completar dois meses de aula fui percebendo algo diferente em uma criança, que não parava de corre, gritar, não se socializava com as outras crianças, fase complicada de se perceber diferentes comportamento em uma criança de apenas 3 anos. As mudanças comportamentais foram realmente bruscas. Aproximadamente noventa por cento. “não” responde qualquer coisa. Como é seu nome? Do que você quer brincar? Não sentava pra nada, se mordida, puxava os cabelo, ele ficava rindo, olhando para o nada, rodando, as birras manhosas acompanhadas de choros sem motivo ou lágrimas. Às vezes tudo acontecia ao mesmo tempo, o que mim deixava insegura e leiga diante das atitudes. Para o referencial teórico do estudo contou-se com a contribuição de analises e pesquisas para esta problemática.

## **CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO**

O autismo apresenta-se nas mais variadas características, embora pessoas com autismo possuam comportamentos e atitudes semelhantes entre si. As características mais comuns de uma criança autista:

- Usam as pessoas como ferramentas;
- Resiste a mudanças de rotina;
- Não se mistura com outras crianças;
- Preferência pela solidão;
- Demonstram extrema aflição sem razão aparente;
- Apego não apropriado a objetos;
- Não mantém contato visual;
- Age como se fosse surdo;
- Ausência de resposta aos métodos normais de ensino;
- Não demonstra medo de perigos;
- Riso e movimento não apropriados;
- Resiste ao contato físico;
- Acentuada hiperatividade física;
- Habilidade motora irregular;
- Repetem palavras ou frases em lugar da linguagem normal (Ecolalia);
- Insistência em repetição;
- Tendência a ser insistente;
- Pequeno poder de concentração;
- Gira objetos de maneira bizarra e peculiar;
- Às vezes é agressivo e destrutivo;
- Modo e comportamento indiferente e arreadio;
- Apegado ao passado.

..



Conheça a "Lei Berenice Piana" destinada as

pessoas com espectro autista que completa 2 anos

Fruto da luta das famílias pelos direitos dos seus filhos com autismo, uma luta de mais de 40 anos, a partir da primeira AMA em São Paulo; muitas outras pelo Brasil a fora; criação da Associação Brasileira de Autismo – ABRA; vários Congressos Nacionais e internacionais; Grupo de Estudos e Pesquisas; contribuições na construção de vários documentos para a inclusão dos autistas na educação, nos serviços de saúde, assistência e do notável crescimento do movimento social no Brasil. A Lei nº 12.764, aprovada no Congresso Nacional, sancionada pela Presidenta Dilma e publicada no dia 28/12/2012 - Lei Berenice Piana, representa um AVANÇO NESTA TRAJETÓRIA DE LUTA POR DIREITOS. Durante a sua tramitação, sob a forma de Projeto de Lei no Congresso Nacional, incorporou contribuições relevantes da sociedade e dos congressistas, tanto na Câmara dos Deputados como no Senado Federal.

**Art. 1º** A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

**Parágrafo único.** Aplicam-se às pessoas com transtorno do espectro autista os direitos e obrigações previstos na Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, promulgados pelo **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**, e na legislação pertinente às pessoas com deficiência.

**Art. 2º** É garantido à pessoa com transtorno do espectro autista o direito à saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS, respeitadas as suas especificidades.

§ 1º Caberá ao Ministério da Educação a aplicação da multa de que trata o **caput**, no âmbito dos estabelecimentos de ensino a ele vinculados e das instituições de educação superior privadas, observado o procedimento previsto na Lei nº 9.784, de 29 de janeiro de 1999.

§ 2º O Ministério da Educação dará ciência da instauração do processo administrativo para aplicação da multa ao Ministério Público e ao Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Conade.

§ 3º O valor da multa será calculado tomando-se por base o número de matrículas recusadas pelo gestor, as justificativas apresentadas e a reincidência.

**Art. 6º** Qualquer interessado poderá denunciar a recusa da matrícula de estudantes com deficiência ao órgão administrativo competente.

**Art. 7º** O órgão público federal que tomar conhecimento da recusa de matrícula de pessoas com deficiência em instituições de ensino vinculadas aos sistemas de ensino estadual, distrital ou municipal deverá comunicar a recusa aos órgãos competentes pelos respectivos sistemas de ensino e ao Ministério Público.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é o caminho que escolhi para seguir. Porém, como nos incita Rubem Alves (2008, p. 11), pensar a educação apenas como o caminho a seguir a egressa no lugar de vir a ser. Segundo esse autor, a educação é um caminho e um percurso: “um caminho que de fora se nos impõe e o percurso que nele fazemos.” O caminho só existe quando o percorremos, quando incidimos sobre ele nossas experiências e construímos nosso percurso.

O presente trabalho faz parte do percurso que venho trilhando nos caminhos da educação, buscando sempre refletir sobre as questões que interpelam o meu caminhar. Esse percurso vem sendo construído desde a graduação em magistério e pedagogia, quando meu objetivo ainda era um dia poder ser mestre e ensinar. Ao final do curso de Graduação, esse sonho já apresentava sinais de esmorecimento. Ao passar pelas salas de aulas despreparadas para receber estas crianças tão Especiais vir que eu estava na idade de ocupar o lugar de quem ensina e o quanto ainda tenho a aprender. E por fim, sem pretender encerrar essa jornada, chego ao curso de graduação em línguas o qual me oferece a titulação de mestre em Letras, o qual faz parte do meu dia a dia, contribuindo para a minha formação e desempenho nesta área tão árdua e repleta de transtornos, onde cabe várias profissões em uma. Mas ao chegar nesse momento da formação acadêmica, pergunto-me o que é ser mestre? E a convicção que tinha quando iniciei essa caminhada. A de um dia ser mestre, já se reveste mais em dúvidas do que certezas.

As questões que motivaram a atual pesquisa emergiram da graduação em Educacional,. Para isso, foi explorado a partir das políticas educacionais vigentes, tendo como focos principais a política de inclusão e a inclusão de alunos com autismo.

De acordo com Bereohff (1991), para educar uma criança autista, é preciso levar em rotina das crianças na creche foram mais sociável e produtiva pode-se observar no resultado da pesquisa o desenvolvimento destas crianças e como adequam-se a uma vida organizada e com rotinas de trabalho, respondendo positivamente aos métodos: consideração a falta de interação com o grupo, comunicação precária, dificuldades na fala e a mudança de comportamento que apresentam essas crianças.

A autora diz que há várias técnicas de ensino para crianças com autismo. Essas técnicas têm o objetivo de prevenir ou reduzir as deficiências primárias. Desta forma:

Educar uma criança autista é uma experiência que leva o professor a rever seus conceitos e suas ideias sobre desenvolvimento, educação, normalidade e competência profissional. Torna-se um desafio. Por fim, cabe concluir que a construção de uma educação verdadeiramente inclusiva pode ser caracterizada como uma grande utopia por parte dos educadores, e família, das pessoas com autismo, que devem estar todos comprometidos com uma educação de qualidade. No entanto, faz-se necessário que se produzam propostas com efeitos reais no processo de inclusão, que alcancem de forma pragmática o fazer pedagógico com praticas à inclusão. Dessa forma, é possível que mesmo estas propostas ilusórias tenham grande potencial de gerar futuras técnicas, no sentido de ajudar no processo de transformação das instituições educacionais. *Afinal*, o importante é compreender que ela é uma criança que precisa ser amada acima de tudo e estimulada um pouco mais para que se desenvolva. Livrar-se de todo preconceito e buscar informação, são atitudes essenciais da família, Escola e amigos, para ajudar uma criança autista *para fazê-las caminhar e caminhar...*



## REFERÊNCIAS

- ANA MARIA TARCITANO DOS SANTOS. AUTISMO: DESAFIO NA ALFABETIZAÇÃO E NO CONVÍVIO. ESCOLAR. CRDA. SÃO PAULO. 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- BRASIL. Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais Brasília: CORDE, 1994.
- BAPTISTA, C. R.; BOSA, C. A. *Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
- SERRÃO, M. BALEEIRO, M.C. *Aprendendo a ser e a conviver*. Fundação Odebrech. Editora FTD, p. 365 - 369,1999.
- IMBERNON. F, formação docente e profissional: forma-se para mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 200.
- Felicio VC. O autismo e o professor: um saber que pode ajudar [trabalho de conclusão de curso]. Bauru: Universidade Estadual Júlio Mesquita; 2007.
- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília, DF: Ministério da Educação; 2001.
- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. (1999). Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.
- SANTOS, Ana Maria Tarcitano. *Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar*. São Paulo: CRDA, 2008. SCHWARSTZMAN, J. S. Assunção, F.B.
- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília, DF: Ministério da Educação; 2001.
- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. (1999). Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.
- SANTOS, Ana Maria Tarcitano. *Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar*. São Paulo: CRDA, 2008. SCHWARSTZMAN, J. S. Assunção, F.B.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar. São Paulo: CRDA, 2008. Obs. SCHEUER, Claudia Inês; ANDRADE, Rosangela Viana; GORGATI, Denise Carolina; DORNELAS, Daniela Fernandes Lopes. Neuropsicologia do autismo. In: Claudia Berlim de Melo; Mônica Carolina Miranda; Mauro Muzkat. (Org.). Neuropsicologia do desenvolvimento: conceitos e abordagens. São Paulo: Menon, 2006, v. 1, p. 202-212.

WERNECK, C. *Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva*. 2. Ed. Rio de Janeiro: WVA, 2000. [ [Links](#) ]

O transtorno do espectro *autista* pode ser causado por uma variedade .. explica a psicóloga *Joana Portolese*, da *ONG Autismo & Realidade*.

BEREOHFF, Ana Maria P. Autismo, uma visão multidisciplinar. São Paulo: GEPAPI, 1991s/pág.

## ANEXOS

**ALUNA: RENATA RIBEIRO LIMA**  
**CURSO: LÍNGUA**  
**AUTISMO NA ESCOLA, PONTOS E**  
**CONTRAPONTOS, ESCOLA X PAIS.**



Universidade  
Estadual da  
Paraíba

**AS PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADA  
PELA INCLUSÃO DOS AUTISTAS NA ESCOLA  
PÚBLICA E A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO,  
FAMÍLIA X ESCOLA COMO FATOR PRINCIPAL  
PARA A INCLUSÃO DESTES ALUNOS .**

**OBJETIVO:**

Objetivou-se, Investigar, explorando a realidade escolar no processo inclusivo na circunstâncias do autismo, na escola da rede pública, onde estudou-se como ocorre a inclusão dos alunos autistas, identificando-se as principais dificuldades, apresentadas para a inclusão destes alunos, considerou-se a importância da relação família x escola como fator imprescindível para a inclusão dos alunos autistas.



## RESUMO:

O Transtorno do Espectro Autista por apresentar diversas dificuldades do desenvolvimento humano, necessita do trabalho e comprometido de todos os profissionais envolvidos, com a educação, e principalmente a dedicação e empenho dos seus familiares.

Através do estudo cheguei a conclusão que as principais dificuldades apresentadas para a inclusão dos autistas na escola pública, e considerando os pontos e contrapontos da escola inclusiva, é a importância da relação família x escola como fator necessário para a inclusão de tais alunos.

## HISTORICIDADE DO AUTISMO

A HISTÓRIA DO AUTISMO APRESENTA GRANDES EVOLUÇÕES DESDE SEU CONCEITO ATÉ AS DIVERSAS FORMAS QUE O MESMO PODE MANIFESTAR-SE EM DIFERENTES INDIVÍDUOS, CHEGANDO ATÉ MESMO SER CONFUNDIDO COM OUTROS TRANSTORNOS. DE ACORDO COM GÓMEZ E TERÁN (2014, P. 447) A RESPEITO DO TERMO AUTISMO, ASSEGURAM QUE, O TERMO "AUTISMO" FOI NOMEADO PELO PSIQUIATRA LEO KANNER TENDO COMO BASE A TERMINOLOGIA ORIGINALMENTE CONCEBIDA POR SEU COLEGA SUÍÇO EUGENE BLEULER EM 1911. BLEULER UTILIZOU O TERMO "AUTISMO" PARA DESCREVER O AFASTAMENTO DO MUNDO EXTERIOR OBSERVADO EM ADULTOS COM ESQUIZOFRENIA, QUE TENDEM A MERGULHAR EM SUAS PRÓPRIAS FANTASIAS E PENSAMENTOS.

A PARTIR DO ENVOLVIMENTO COM A PESQUISA DA TERMINOLOGIA SOBRE AUTISMO EM QUE KANNER NOMEOU, É QUE OS ESTUDOS FORAM AVANÇANDO POR PARTE DE OUTROS PESQUISADORES E TEÓRICOS, INTERESSADOS EM BUSCAR MAIS INFORMAÇÕES SOBRE SUAS CAUSAS E TRATAMENTOS, DENTRE MUITOS OUTROS PONTOS QUE MOVEM SUAS INDAGAÇÕES.

## CONTINUAÇÃO

No passado, acreditava-se que o autismo era consequência do mau relacionamento da mãe para com seu bebê, com o avanço dos estudos, foram-se negligenciando tal pensamento, pois descobriu-se que essa crença não era resultado do relacionamento mãe e bebê, dessa forma, não poderia ser dada como principal fonte.

Foi abandonada a hipótese de os pais serem culpados na medida em que se demonstrava a falta de justificativa empírica para isso e que se encontravam os primeiros indícios claros da associação do autismo com transtornos neurobiológicos (GÓMEZ; TERÁN, 2014, p. 467).

Então, no ano de 1958 que J. Anthony pôde diferenciar o autismo primário idiopático do autismo secundário, sendo que, segundo Rutter (1968 apud GÓMEZ; TERÁN, 2014, p. 463) afirma que,

O pesquisador atribuiu ao primeiro um retraimento neonatal ou privações sensoriais, com possível lesão cerebral, enquanto que o segundo apareceria após um ano ou um ano e meio, apresentando posteriormente, retraimento psicótico.



## CONTINUAÇÃO

Sabe-se então que, palavra "autismo" vem da palavra grega "autos", que significa "próprio". Autismo significa literalmente, viver em função de si mesmo (GÓMEZ; TERÁN, 2014, p. 447).


O Autismo é um transtorno global do desenvolvimento (TGD), porque é uma alteração que afeta diversas capacidades como a comunicação, a socialização, e o comportamento do indivíduo, fazendo assim parte de um grupo de síndromes, classificado pelo CID-10 e o (TID) conhecido como transtorno invasivo do desenvolvimento,



## 2. INTRODUÇÃO

O autismo é considerado como um transtorno o mesmo englobar a síndrome de Asperger, e traz diversas dificuldades no desenvolvimento humano; Também é chamado de (TEA) – Transtorno do Espectro Autista.

A inclusão é muito mais que o inserir, é mais do que o simples fato de matricular-lo na escola. É fazer jus à palavra dita, precisa haver um acompanhamento da família pois não é o indivíduo autista que deve adaptar-se ao ambiente, mas sim o ambiente que deve ser adaptado, pois já, há leis que determinam a preparação tanto do próprio professor quanto da escola,



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o autismo possibilitou um melhor entendimento desde sua história até as características do comportamento do indivíduo autista, visto que, é um transtorno que abrange complexidade em todos os âmbitos sociais, principalmente no âmbito escolar. A inclusão de crianças que apresentam “Transtorno do Espectro Autista” nas escolas de ensino regular é uma conquista assegurada por lei, posto que, de acordo com a literatura o convívio social contribuiu para o desenvolvimento do autista. E ainda se essa inclusão possa ser realizada de forma gratuita por meio da escola pública, melhor para as famílias que não possuem situação financeira elevada.

A relação família-escola é de grande importância para o trabalho inclusivo, pois através de tal relacionamento é possível promover qualidade na inclusão, pois a comunicação da família junto à escola vem só a contribuir, contribuindo assim para o processo social dentro desses dois ambientes conjuntamente.



## CONTINUAÇÃO

Embora os docentes sejam especializados na área, é de fundamental importância que a escola proporcione a capacitação dos mesmos, com formações continuadas adequadas às necessidades, pois o papel do professor é primordial para o processo de inclusão escolar. Logo, é necessário que os docentes proponham-se a assumir tal desafio, pois todos são imprescindível é importante o olhar atento do professor ao comportamento do aluno autista para que saiba quando algum estímulo está sendo positivo ou negativo, visto que é a partir de tal observação que o profissional poderá intervir da melhor maneira possível. dados com a inclusão. A inclusão é um processo que envolve família, escola e comunidade escolar. Desse modo, para que a mesma não seja apenas uma teoria, é preciso estar atento às condições necessárias para a efetivação que a mesma propõe caso contrário, uma escola que prega ser inclusiva estará contribuindo a prejudicar o aluno autista, por não oferecer atos e recursos importantes para a realização da mesma.

## 10. REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, I. (ORG.). **ESCOLA REFLEXIVA E NOVA RACIONALIDADE**. PORTO ALEGRE: ARTMED EDITORA, 2001.
- AUTISMO E REALIDADE. DISPONÍVEL EM: . ACESSO EM: 21 JUN. 2015
- BATISTA, C. R., BOSA, C. E COLS. **AUTISMO E EDUCAÇÃO**-REFLEXÕES E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2002.
- BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS, LEGISLAÇÃO INFORMATIZADA – DECRETO Nº 6.571, DE 17 DE SETEMBRO DE 2008. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW2.CAMARA.LEG.BR/LEGIN/FED/DECRET/ 2008/DECRETO-6571-17-SETEMBRO-2008-580775-PUBLICAÇÃOORIGINAL-103645-PE.HTML/](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decree/2008/decreto-6571-17-setembro-2008-580775-publicacaooriginal-103645-pe.html/). ACESSO EM: 06 SET. 2015
- \_\_\_\_\_. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. BRASÍLIA, DF: SENADO FEDERAL, 1988. DISPONÍVEL EM: . ACESSO EM: 18 JUN. 2015.

FÁBIO JUBIOR – JOÃO  
MIGUEL BRINCANDO  
TREM MALUCO ELES  
MESMO, QUE  
ORGANIZARAM.



F- FÁBIO  
JUNIOR

JOÃO MIGUEL

FÁBIO JUNIOR E UM OLHOR DE AMOR. ..







QUE, DEUS NA SUA  
 INFITA SABEDORIA, MI  
 ORIENTE PARA QUE EU  
 CONSIGA FAZER DO  
 MUNDO DESSAS CRIANÇAS  
 TÃO ESPECIAIS, UM  
 MUNDO MELHOR...  
 CHEIODE APRENDIZADO,  
 SORRISOS, ENCANTOS E

MUITO AMOR, OBRIGADA... FÁBIO, JOÃO MIGUEL, PÁBLO, WAGUINER, E  
 MUITOS OUTROS E OUTRAS QUE MI INSPIRARAM A FAZER ESTE  
 TRABALHO, OBRIGADA...





**JOÃO MIGUEL AUTISTA  
DIAGNOSTICADO DEPOIS DE 2 ANOS  
NA ESCOLA, EM 2018.**



## Síndrome de Williams

WAGNER 2018 PRÉ I, SINDOME DE WILLIAMSE ASPERGUER

O QUE É SÍNDROME DE WILLIMS.



A Síndrome de Williams também conhecida como síndrome Williams-Beuren é uma desordem genética que, talvez, por ser rara, frequentemente não é diagnosticada. Sua transmissão não é genética. O nome desta síndrome vem do médico, Dr. J.C.P. Williams que a descreveu em 1961 na Nova Zelândia e pelo Dr. A. J. Beuren da Alemanha em 1962. .

Acometendo ambos os sexos, na maioria dos casos infantis (primeiro ano de vida), as crianças têm dificuldade de se alimentar, ficam irritadas facilmente e choram muito.

